

'Barry Lyndon'
volta às telas em
cópia restaurada

PÁGINA 4



Áurea Martins
canta Johnny Alf
no Blue Note

PÁGINA 6



Tem férias com
ancestralidade
no CCBB RJ

PÁGINA 8



2º CADERNO

Adrian Tejido/Divulgação

Filmes
nacionais
crescem 16,3%
em público e
conquistam
quase 15%
do mercado
no primeiro
semestre de
2025



Mesmo
lançados no
ano passado,
'Ainda Estou
Aqui' e o
'O Auto da
Compadecida
2' seguiram
em cartaz
2025 adentro
levando os
brasileiros
às salas de
exibição

O Brasil que se vê nas telas



Laura Campanella/Divulgação

Por **Affonso Nunes**
e **Rodrigo Fonseca**

O audiovisual brasileiro brasileiro vive um momento de efervescência que se reflete diretamente nos números da bilheteria nacional. O circuito exibidor do país regis-

trou seu melhor desempenho desde 2019 nos primeiros seis meses de 2025, com uma arrecadação superior a R\$ 1,2 bilhão e a venda de 61,2 milhões de ingressos. Os dados, compilados pelo site Filme B, revelam um crescimento expressivo de 12% na renda e 8% no público

em comparação ao mesmo período de 2024.

Mesmo estreando no fim de 2024, o oscarizado "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, e "O Auto da Compadecida 2", de Guel Arraes e Flávia Lacerda, seguiram em cartaz 2025 adentro levando multi-

dões às salas de exibição.

Os números não mentem. As produções brasileiras registraram um salto de 16,3% no número de espectadores, totalizando 9,1 milhões de pessoas nas salas de cinema, enquanto a renda cresceu 15,9%, alcançando R\$ 172 milhões. Este

desempenho permitiu que os filmes nacionais conquistassem quase 15% da fatia do mercado no semestre, um indicador que demonstra a crescente aceitação do nosso público às narrativas produzidas no país. O brasileiro começa a se ver no cinema. **Continua na página seguinte**

A diversidade temática e de gêneros sempre foi a receita de nosso cinema e esta receita agora é também de sucesso. Só neste semestre “Chico Bento e a Goiabeira Maraviosa”, de Fernando Fraiha, trouxe para as telas a nostalgia dos quadrinhos de Mauricio de Sousa, conquistando diferentes gerações de espectadores.

Inspirado numa história real, “Vitória”, de Andrucha Waddington e Breno Silveira, explorou uma narrativa dramática, impulsionada pelo talento de Fernanda Montenegro.

“Homem com H”, de Esmir Filho, ultrapassou a barreira os títulos com temática LGBTQIAPN+ ao apresentar a cinebiografia de Ney Matogrosso, um dos maiores cantores da MPB, oferecendo ao público uma imersão na trajetória artística e pessoal deste fenômeno da canção popular.

Esta variedade de abordagens demonstra a vocação de nossos realizadores em explorar diferentes universos narrativos.

A infraestrutura do setor também apresenta sinais de crescimento. O número de salas de cinema no país aumentou de 3.410 em 2024 para 3.484 nos primeiros meses de 2025, representando um crescimento de 2,2%. Esta expansão indica não apenas a recuperação do mercado após os impactos da pandemia, mas também a confiança dos exibidores no potencial de crescimento do setor.

Estima-se que a coqueluche verde e amarela do segundo semestre seja “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, que ganhou os troféus de Melhor Direção e Interpretação no Festival de Cannes, com Wagner Moura em estado de graça. Esse lançamento fica lá pra Oscar season, em 6 de novembro.

Vencedor do Grande Prêmio do Júri da Berlinale, “O Último Azul”, de Gabriel Mascaro, abre o Festival de Gramado, no dia 13 de agosto e estreia 15 dias depois, com Denise Weinberg em atuação luminosa. Num Brasil distópico em que pessoas 70 são condenadas a isolamento em um campo de concentração, sua personagem central,



Vitória

Diversidade nas telas

Fabio Braga/Pivô Audiovisual



Chico Bento e a Goiabeira Maraviosa

Divulgação Paris Filmes



Homem com H

Tereza, sobe rio acima, nos afluentes do Amazonas, em busca de liberdade. Rodrigo Santoro é seu barqueiro.

Agosto está logo ali, ok, mas, antes, neste julho que está para começar, uma pedida quente é “Um Lobo Entre os Cisnes”, de Helena

Varvaki e Marcos Schechtman. Sua trama revive a cruzada de consagração de Thiago Soares, um garoto do subúrbio carioca que deixa para trás o hip hop e embarca no mundo do balé clássico. O dançarino cubano Dino Carrera vira seu mentor e conduz seus passos para a glória.

No dia 21 de agosto, “Enforcados”, de Fernando Coimbra, põe Leandra Leal e Irandhir Santos em rota de colisão com a máfia do Bicho no Rio. Na mesma data, Edmilson Filho brinca de 007 em “CIC - Central de Inteligência Cearense”, a fim de salvar a comédia da mesmice.

Em 4 de setembro, nossa produção documental bate cabeça para os orixás com “3 Obás de Xangô”, de Sérgio Machado, deu um banho de descarrego na Première ao relembrar a amizade entre o compositor Dorival Caymmi, o best-seller Jorge Amado e o artista plástico Caribé, uma trinca de orixás da Bahia.

Esse 4/9 terá outra bênção das ancestralidades africanas: é a data em que “Malês”, de Antônio Pitanga, entra em cartaz. Com base num enredo de Manuela Dias (autora da nova versão da novela “Vale Tudo”) produzido por Flávio R. Tambellini, esse épico recria a Bahia do século XIX, em meados de 1830. Na ocasião, uma rebelião começou a ser arquitetada por africanos mulçumanos, chamados de malês.

Campeão de bilheteria na década passada, Leandro Hassum promete o que pode ser seu melhor trabalho de interpretação em

“Silvio Santos Vem Aí”, que a diretora Cris D’Amato lança em 31 de outubro. A produção relembra os tempos em que o Homem do Carnê do Baú sonhou ser presidente da República.

Para 11 dezembro, multiplexes de todo o país terão um réquiem para prestar a Cacá Diegues (1940-2025), que nos deixou em fevereiro, com a projeção de “Deus Ainda É Brasileiro”, que foi rodado em Alagoas, em 2022. Antonio Fagundes volta ao papel do Todo-Poderoso na parte dois do longa de 2003, que vendeu 1,6 milhão de bilhetes num ano de pico para a Retomada. O termo é usado para a fase compreendida entre 1995 e 2010, em que o país voltou a produzir longas depois de um hiato imposto pelo sucateamento da Embrafilme, a distribuidora criada em 1970. Seu marco zero foi “Carlota Joaquina, A Princesa do Brasil”, de Carla Camurati, que volta ao circuito no dia 14/8 para comemorar seus 30 anos. Três décadas atrás, essa fita botou 1,2 milhão de pessoas para ver filmes com o Brasil no DNA. Pode repetir o feito de mobilizar multidões agora, em seu regresso.

O momento atual do cinema brasileiro reflete uma conjunção de fatores favoráveis, a começar pela crescente evolução técnica de nossas produções, que vêm conquistando, ano a ano, maior prestígio no circuito internacional de festivais.

Mas nada disso seria possível em que o público brasileiro se identificasse com cada história contada, afinal estamos tratando de uma arte brasileira feita e pensada para o público brasileiro.

ENTREVISTA / ÁTILA BEE, ATOR

‘As oportunidades não batem na porta do ator negro a todo instante’

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

No dia 30 de julho, quando o ganhador do troféu Grande Otelo de Melhor Ator Coadjuvante for anunciado, na Cidade das Artes, durante a premiação da Academia Brasileira de Cinema de 2025, o espírito resiliente da Baixada Fluminense estará lá, no certame, representado por Átila Bee. Aos 42 anos, o artista nascido na Rua Estanho, no bairro Parque Alian, em São João de Meriti, está no páreo de uma das mais simbólicas honrarias do audiovisual deste país. Concorre à láurea por seu desempenho em “Malu”.

O longa-metragem rendeu o Redentor de Melhor Filme ao diretor Pedro Freire no Festival do Rio, em outubro passado, e retrata a convulsiva relação familiar de uma atriz em crise (papel de Yara de Novaes). Átila interpreta um amigo fiel dessa estrela cadente, Tibira. Com 27 anos de trajetória artística, ele fala ao Correio da Manhã da relevância política de sua indicação.

Como você avalia a produção cultural da Baixada hoje, como um todo, e de que forma definia a inquietação artística da região em seus anos de formação?

Átila Bee - Hoje a Baixada tem variados e importantes prêmios nas prateleiras de muitos grupos e companhias de teatro do território. E qual a importância disso? Tornou-se impossível não enxergar a produção artística diferenciada e qualificada que nós temos. São dé-



Divulgação

“A minha Baixada segue sendo o que sempre foi: talentosa e extremamente batalhadora. Mas não pode seguir trabalhando com tão pouco ou sem recursos”

casas de produção contínua sem visibilidade, sem teatros pra que a gente pudesse estar em cartaz nos nossos 13 municípios. E eram raríssimas as oportunidades de pauta nos teatros da capital. Mudou muito. Hoje somos uma grande rede, com profissionais muito experientes e que têm marcado presença em festivais pelo país inteiro. Muita história rolou até que pudéssemos romper com essas barreiras e estarmos em todos os espaços. Mas a

Baixada segue carente de aparelhos públicos. Por outro lado, contamos com espaços de cultura incríveis como o Goméia Galpão Criativo, o Instituto Cultural Cerne, a escola Fábrica de Atores, o Grupo Código... Todos ambientes de estudo e trabalho, que pautam espetáculos, mostras e festivais.

Qual é a sua Baixada? Que cultura ela produzia?

A minha Baixada segue sendo

o que sempre foi: talentosa e extremamente batalhadora. Mas não pode seguir trabalhando com tão pouco ou sem recursos. Os fomentos culturais continuam chegando aqui de maneira muito desigual. O processo é lento e os valores ainda são pequenos pra quantidade e qualidade das tantas produções que temos aqui. Esse olhar e as ações em torno dessa distribuição de patrocínios pelo estado precisam mudar urgentemente.

O que o Tibira, o personagem que te consagrou em “Malu”, mandaria de recado para a ala conservadora de um Rio que segue Cidade Partida?

Mudando um pouquinho o maravilhoso texto que ele diz para a Dona Lili, a personagem da gigante Juliana Carneiro da Cunha, acredito que ele diria: “Eu não vou deixar o conservadorismo de vocês acabar com a nossa arte. Jamais!”

De que maneira “Malu” te abriu portas e que novos caminhos se desenham agora?

“Malu” é um grande filme. Muito bem criticado, circulou por importantes festivais, ficou tempos em cartaz, fez um barulho... O setor passa a te olhar de outro jeito, mas oportuniza pouco ou nada. É importante seguir atento, investindo na carreira, nas parcerias, cavando outros espaços, porque as oportunidades não batem na porta do ator negro a todo instante. É preciso ter estratégia após um trabalho desse. Nós é que seguimos criando oportunidades.

Que trabalhos você desenha, no palco, para sua companhia, a KarmaCirculus Teatro?

A companhia tem onze anos de história, um repertório bem bonito e muita coisa a ser tirada da gaveta. Mais uma vez: é construção de oportunidades. A gente continua forte desenhando esse repertório afro-centrado, com equipe majoritariamente preta, fazendo espetáculos que emocionem a Baixada e pra além dela.

À luz de Kubrick

A volta às telas de 'Barry Lyndon', 50 anos depois de seu lançamento, celebra o legado de um cineasta que foi sinônimo de perfeição

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Reverenciado por cineastas do mais alto quilate autoral (entre eles, Domingos Oliveira e Kleber Mendonça Filho), "Barry Lyndon" (1975) voltará às salas de exibição, em circuito internacional, a partir do próximo dia 18, nas comemorações dos 50 anos de sua estreia, num tributo ao esplendor visual alcançado pela genialidade da direção de Stanley Kubrick (1928-1999). Depois de uma projeção na seção Classics do 78º Festival de Cannes, em maio, a produção de US\$ 12 milhões, baseada na prosa de William Makepeace Thackeray (1811-1863), volta aos cinemas dos EUA e da Europa, restaurada em 4k.

A restauração seguiu as instruções de uma carta enviada por Kubrick, em 8 de dezembro de 1975, a projecionistas, com exigências acerca de como o longa deveria ser exibido. Uma digitalização do negativo original em 35mm foi feita sob a supervisão de Leon Vitali, assistente pessoal do mítico cineasta. Sua busca obsessiva pela perfeição cercou a trama, ambientada no século XVIII, de folclores, galva-



Warner Bros



Warner Bros

'Barry Lyndon' teve sua cópia restaurada em 4k exibida em Cannes, em maio, e volta aos cinemas no dia 18

Stanley Kubrick no set do longa que recria a suntuosidade da corte europeia

nizados pela conquista de quatro Oscars (Figurino, Direção de Arte, Trilha Sonora e Fotografia).

Ímã de aplausos em Cannes, o épico extraiu um desempenho impecável de Ryan O'Neal (1941-2023), então no auge de sua popularidade, após "Love Story" (1970) e "Lua de Papel" (1973), que o fez ir além do rótulo de galã. Ele vive Redmond Barry, um alpinista social irlandês oportunista do século XVIII, descrito por Thackeray como um trapaceiro, que se casa com uma viúva rica para assumir uma posição aristocrática. Seu nome na nobreza passa a ser Barry Lyndon. Em meio a duelos, traições

e mortes que cercam sua jornada em busca de dinheiro, Kubrick pinta um quadro cínico e cruel do mundo de "sangue azul".

Na iluminação das cenas, o bruxo nova-iorquino que adotou o Reino Unido como seu bunker exercitou sua destreza técnica ao máximo. Ele almejava que "Barry Lyndon" lembrasse pinturas de mestres do século XVIII, como Johannes Vermeer (1632-1675) e Antoine Watteau (1684-1721). Para conseguir essa façanha, algumas cenas foram filmadas à luz de velas, usando lentes especiais desenvolvidas inicialmente para a NASA.

"Eu queria criar uma imagem

que nunca traísse sua época", explicou o realizador de "Laranja Mecânica" (1971), em depoimento publicado no site oficial de Cannes. "A luz tinha que parecer natural, como se estivesse vindo de um tableau vivant, de um quadro vivo".

Um dos causos de bastidor mais famosos do longa, que arrecadou cerca de US\$ 20 milhões na venda de ingressos, envolve a opção de Kubrick em fazer com que as roupas dos personagens fossem confeccionadas apenas com tecidos de época, dos 1700, sem nenhuma alteração.

Depois do sucesso retumbante de "2001: Uma Odisseia no Espaço" (que, em 1968, custou

US\$ 10,5 milhões e faturou US\$ 146 milhões), Kubrick alcançou prestígio suficiente para se mudar pra Inglaterra e viver em reclusão, filmando quando e como queria. Nesse isolamento dos holofotes, ele se dedicou a um projeto – sobre o qual escreveu um misto de argumento e catálogo de referências de cerca de 500 páginas – sobre a vida do Imperador Napoleão Bonaparte, que não conseguiu filmar. Atualmente, seu amigo e fã Steven Spielberg anunciou que vai transformar a saga napoleônica de Stanley em uma minissérie para a plataforma Max, onde é possível encontrar pérolas de sua trajetória autoral, como "O Iluminado" (1980).

Parte considerável de sua filmografia pode ser vista na Prime Video da Amazon. Nesta quarta, às 19h30, no Estação Net Rio, o pesquisador de autoridades filmicas Gustavo Valente lança o livro "Momento Crítico", em que passa o legado de Kubrick em revista. No depoimento a seguir, ele destaca o caráter pictórico de "Barry Lyndon":

"Já me perguntaram algumas vezes por que todos que amam a sétima devem assistir aos filmes de Stanley Kubrick. Bem, aqui vão alguns motivos: o perfeccionismo Noir de 'O Grande Golpe'; o travelling pela trincheira em 'Glória Feita de Sangue'; as performances de Peter Sellers, George C. Scott e Sterling Hayden em 'Dr. Fantástico'; a humanidade incompreendida de Hal 9000; a estilização máxima e o poder argumentativo de 'Laranja Mecânica'; a gradativa insanidade sofrida pelo personagem de Jack Nicholson em 'O Iluminado'; o segmento inicial de 'Nascido Para Matar'; e o desfile de máscaras (literal e metafórico) em 'De Olhos Bem Fechados'. Espero que eu tenha te convencido".

Em setembro, "Barry Lyndon" terá sessões em cinematecas da França.

Frente a frente com Helena Blavatsky

João Caldas Filho/Divulgação

Monólogo explora a trajetória da escritora russa através de experiência teatral que simula incorporação mediúnica

A figura enigmática de Helena Petrovna Blavatsky ganha vida no palco carioca através do monólogo “Madame Blavatsky - Amores Ocultos”, protagonizado por Mel Lisboa. A montagem, que estreia no Teatro Prio, mergulha na controversa trajetória da escritora russa que revolucionou o pensamento esotérico ocidental no século XIX ao sistematizar a teosofia moderna.

Com dramaturgia de Claudia Barral e direção de Marcio Macena, o espetáculo nasceu do encontro da autora com a peça “Madame Blavatsky”, de Plínio Marcos, mas trilha caminhos próprios ao propor uma experiência teatral que desafia as convenções tradicionais da representação. A dramaturgia brinca deliberadamente com os limites entre ficção e realidade, criando o que os criadores definem como uma “não-peça” - uma experiência mística que simula uma incorporação mediúnica no palco.

A narrativa apresenta o espírito de Helena Blavatsky retornando ao mundo dos vivos através do corpo de uma atriz, determinada a esclarecer os aspectos mais polêmicos de sua existência. Contudo, outros



Em atuação mediúnica, Mel Lisboa dá vida à controversa fundadora da teosofia moderna

© João Caldas F

espíritos interferem na narrativa, oferecendo versões alternativas dos fatos e criando um jogo teatral que questiona a própria natureza da verdade histórica. Essa estrutura permite ao público conhecer a complexidade de uma mulher que desafiou simultaneamente dogmas religiosos e ceticismo científico.

Helena Blavatsky viveu entre 1831 e 1891, período marcado pelo embate entre fé e razão que caracterizou o século 19. Cofundadora da Sociedade Teosófica, ela propôs uma síntese revolucionária entre espiritualidade e conheci-

mento científico, defendendo a união de todos os credos religiosos e incentivando o pensamento independente. Sua teosofia buscava o conhecimento direto dos mistérios da vida através de métodos que combinavam filosofia, esoterismo e investigação racional.

“Essa personagem única influenciou milhares de pessoas em todo o mundo desde que apareceu, da população comum a estadistas, líderes religiosos, literatos e artistas, e deve mais do que nunca ser conhecida do público”, explica o diretor Marcio Macena. Segundo

ele, Blavatsky “abalou e desafiou de tal modo as correntes ortodoxas da religião, da ciência, da filosofia e da psicologia, que é impossível ficar ignorada. Foi uma verdadeira iconoclasta - ao rasgar e fazer em pedaços os véus que encobriam a realidade”.

A trajetória de Blavatsky foi marcada tanto pela admiração quanto pela perseguição. Suas ideias provocaram reações violentas de setores conservadores da sociedade, que a acusavam de charlatanismo e blasfêmia. Contudo, sua influência transcendeu as polêmicas, inspirando movimentos

artísticos, filosóficos e espirituais que perduram até hoje. A escritora russa defendia a fraternidade universal e combatia todas as formas de intolerância, posicionando-se contra o materialismo excessivo e o ceticismo dogmático.

SERVIÇO

MADAME BLAVATSKY - AMORES OCULTOS

Teatro Prio (Jockey Club Brasileiro - Av. Bartolomeu Mitre, 1110 - Lagoa)
Até 30/7, às quartas-feiras (20h)
Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

Áurea Martins e a bossa preta de Johnny Alf

Cantora canta repertório do compositor que já fazia bossa nova antes da bossa nascer

Por Affonso Nunes

Áurea Martins sobe ao palco do Blue Note Rio nesta quarta-feira (9) para prestar uma homenagem musical a Johnny Alf, compositor e cantor que marcou profundamente sua trajetória artística. O espetáculo reúne canções emblemáticas do homenageado, interpretadas por uma das vozes que melhor conhece sua obra.

Não é nada errado afirmar que o autor de composições como “Céu e Mar”, “Eu e a Brisa”, “Ilus-

são à Toa”, “Nós”, “Disa”, “Tema da Cidade Longe” e “Leme” é um dos pais da bossa nova, anos antes de sua explosão como um movimento musical. A escolha dessas canções por Áurea, uma artista forjada nos night clubs e que mantém uma intimidade artística com esses temas por anos e anos.

Aos 85 anos, Áurea Martins carrega uma trajetória de seis décadas que começou na Rádio Nacional e ganhou projeção nacional quando conquistou o primeiro lugar no programa “A Grande Chance”, de Flávio Cavalcanti, em 1969, na TV Tupi.



Áurea Martins celebra o cancionista de Johnny Alf, um mestre da nossa música e precursor da bossa nova

O prêmio lhe rendeu a gravação de seu primeiro disco, marcando o início de uma carreira que a es-

tabeleceria como uma das intérpretes mais respeitadas da música brasileira.

Reconhecida como uma das cantoras preferidas de Elizeth Cardoso, Áurea construiu uma discografia consistente que inclui marcos como o CD “Até Sangrar”,

que lhe valeu o Prêmio da Música Brasileira como melhor cantora de MPB em 2009.

Seu trabalho mais recente é “Senhora das Folhas” (2022), uma homenagem ao universo das curandeiras e seus conhecimentos ancestrais que salvam vidas.

SERVIÇO

ÁUREA MARTINS - TRIBUTO A JOHNNY ALF

Blue Note
Rio (Av.
Atlântica 1910,
Copacabana)
9/7, às 20h
Ingressos a partir
de R\$ 60

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Colaboração II

A Alma Djem lançou nova versão de “Rouxinóis”, do EP “Paraíso”, com participação de Roberta Campos. A faixa, composta por Marcelo Mira, Rodrigo Leite e Cauque, integra o projeto “Acústico em São Paulo” e combina reggae suave com MPB. A balada romântica ganhou interpretação especial da cantora, realizando antigo desejo de colaboração mútua. “Sempre fomos muito fãs da Roberta. Quando começamos a pensar nas participações do ‘Acústico’, o nome dela foi unanimidade”, conta Mira.

Marcos Hermes/Divulgação



Colaboração

O Biquini Cavado lança versão internacional de “Vento Ventania” em parceria com a banda estadunidense Big Mountain. A faixa “A New Wind Blowing” será disponibilizada em três formatos: bilingue para o Brasil, totalmente em inglês para o mercado mundial e uma versão solo comemorativa dos 40 anos do grupo. “Não nos prendemos a uma tradução literal, mas aos ideais da letra que fala deste desejo de liberdade, de cair no mundo, algo que faz parte do imaginário coletivo, mesmo tendo se passado mais de 30 anos de seu grande estouro”, diz o vocalista Bruno Gouveia.

Divulgação



Resistir e resistir

Formado por Gabi Gandolfi e Leonardo Marchi, o duo Duestesia lança o single “Sutilmente” nesta quinta-feira (10). A faixa autoral de Gabi, Leonardo e Adriano Brandini aborda a transição entre infância e vida adulta. Com produção de Victor Amaral e Túlio Airolde, a música combina arranjos minimalistas com vocais intensos, uma marca da dupla. A letra fala da ausência de referências afetivas, do peso das expectativas e da necessidade de se permitir sentir, mesmo quando tudo parece fragmentado. “Agente / e vá pra tempestade se molhar”, aconselha o refrão.

Carla Madeira debate “Tudo é Rio” no CCBB

Autora participa do Clube de Leitura em julho após turnê europeia e enquanto trabalha em novo romance

Por Affonso Nunes

A escritora Carla Madeira é a convidada do Clube de Leitura CCBB de julho, em encontro marcado para esta quarta-feira (9), às 17h30, na Biblioteca do Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro. A escolha do livro a ser debatido ficou por conta do público, que elegeu “Tudo é Rio” através de votação aberta no perfil do Instagram da instituição.

A participação da autora acontece em momento especial de

sua carreira. A escritora retornou recentemente de uma turnê pela Europa, experiência que a deixou particularmente animada com a recepção de sua obra no exterior. “Os livros estão acontecendo de uma maneira que me deixa entusiasmada”, diz a escritora, que atualmente se dedica à escrita de um novo romance, com previsão de lançamento ainda este ano.

Para Carla Madeira, a dinâmica dos clubes de leitura representa uma oportunidade única de diálogo com os leitores. “Os clubes de leitura são uma ocasião valiosa de



Carla Madeira acaba de regressar de uma turnê pela Europa

reflexão, de compartilhar a experiência de cada um ao ler um livro. Tudo é rio é um livro intenso, com muitas camadas e questões sensíveis, fico feliz que será lido no Clube de Leitura CCBB e já na expectativa das ressonâncias”, antecipou.

A obra escolhida pelo público integra a produção mais recente da literatura brasileira contemporânea, caracterizada por narrativas que abordam temas complexos da sociedade atual. Segundo a media-

dora e curadora do evento, Suzana Vargas, Carla Madeira representa “o vigor da nova safra de romancistas brasileiros, com uma narrativa forte, cuja fabulação, aparentemente banal, nos surpreende a todo momento e nos vemos afogados nas águas de um erotismo que inaugura um novo modo de contar-se”.

A análise de Vargas destaca elementos centrais da obra de Madeira, que transita por questões como violência doméstica, machismo e a complexidade das relações humanas. “A fragilidade das relações sociais se mostram ainda vivas em

seus romances”, observa a curadora, que considera a literatura da autora como “essencial, nos colocando diante de uma verdadeira contadora de histórias em cujas tramas podemos nos reconhecer e, por isso mesmo, nos compreender melhor”.

O reconhecimento crítico da obra de Carla Madeira vem se consolidando desde seu romance de estreia, quando Martha Medeiros já observava que a autora “não merece ficar escondida nas prateleiras das livrarias”. Três romances depois, conforme avalia Suzana Vargas, sua produção se estabelece no cenário literário nacional por uma narrativa “sem falsos moralismos, sem amarras, plenos da poesia de sua narração”.

O Clube de Leitura CCBB 2025 representa uma das principais iniciativas de fomento à leitura e debate literário na cidade com uma programação que aproxima autores e leitores em discussões aprofundadas sobre obras contemporâneas relevantes.

SERVIÇO

CLUBE DE LEITURA CCBB COM CARLA MADEIRA

Biblioteca do CCBB (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro) 9/7, às 17h30
Entrada franca

Celebração à literatura com os autores

Biblioteca Parque Estadual recebe Roseana Murray e Jeferson Tenório

A Biblioteca Parque Estadual transforma-se nesta semana em palco de celebração literária com o Parque de Ideias dedica sua programação semanal inteiramente à literatura brasileira contemporânea. O projeto, sob curadoria do documentarista Marcio Debellian, conhecido pelo filme

“Fevereiro”, promove uma série de encontros que aproximam o público de alguns dos nomes mais expressivos da atual produção literária nacional.

Nesta quarta (9), às 14h30, o encontro será com Roseana Murray, figura fundamental da literatura infantojuvenil brasileira, cuja produção ultrapassa a marca de cem livros publicados. A poeta, que transita com maestria entre o público infantil, juvenil e adulto, carrega em seu currículo o Prêmio APCA, o Prêmio da Academia



Jeferson Tenório encerra a programação

Brasileira de Letras e a inclusão na prestigiosa Lista de Honra da Ibbby, organização que reconhece a excelência na literatura destinada a crianças e jovens. Murray compartilhará suas reflexões sobre o papel transformador da literatura, abordando a escrita e a leitura como gestos de afeto e instrumentos de mudança social. Sua participação ganha contornos especiais considerando que, mesmo após enfrentar um grave acidente em 2024, a autora manteve sua produção ativa, encontrando na literatura não apenas uma vocação, mas uma forma de resistência e continuidade.

O encerramento da programação, na sexta-feira (11), às 10h30, traz Jeferson Tenório para o projeto “Ilustre Leitor”, iniciativa que convida escritores a compartilhar os dez títulos funda-

mentais em sua formação literária. O autor gaúcho, laureado com o Prêmio Jabuti por “O Averso da Pele”, romance que aborda questões raciais na sociedade brasileira contemporânea, apresentará sua seleção pessoal de obras influenciadoras. Os livros indicados por Tenório serão adquiridos e incorporados permanentemente ao acervo da Biblioteca Parque Estadual, democratizando o acesso a referências literárias de qualidade e ampliando as possibilidades de descoberta para os frequentadores do espaço.

Paralelamente aos encontros, o Parque de Ideias inaugura no mesmo dia 11 uma nova instalação no térreo da biblioteca, projeto que materializa as indicações literárias de 25 personalidades que já participaram das atividades do espaço. (A.N.)



Teca Teca



Costurando Histórias

Férias com ancestralidade

Programação gratuita de julho no CCBB oferece contação de histórias, oficinas musicais e brincadeiras tradicionais inspiradas na cultura afro-diaspórica

Por Affonso Nunes

O Centro Cultural Banco do Brasil no Rio de Janeiro transformou suas férias de julho em uma imersão na cultura africana e afro-brasileira. A programação gratuita, desenvolvida pelo CCBB Educativo - Lugares de Culturas, gira em torno da exposição “Ancestral: Afro-Américas” e propõe um diálogo entre tradição e contemporaneidade através de atividades que celebram a herança cultural africana no Brasil.

O destaque da programação fica por conta do coletivo Costurando Histórias, que apresenta “Duas Histórias Africanas” neste sábado e domingo (12 e 13), às 14h. O grupo utiliza uma metodologia participativa onde as crianças colaboram na construção de tapetes-cenários enquanto acompanham

a narração dos contos “Por que os mosquitos zunem nos ouvidos da gente” e “Por que os crocodilos não comem as galinhas”. Essas fábulas tradicionais africanas, que atravessaram séculos e oceanos, mantêm viva a sabedoria ancestral sobre os conflitos e harmonias da vida nas savanas.

A dimensão memorial da cultura africana ganha espaço especial na atividade “Baobá”, instalada no térreo do centro cultural. Inspirada na cosmologia africana que vê o baobá como árvore da vida, a proposta convida os participantes a registrarem em folhas simbólicas os sobrenomes e ensinamentos dos ancestrais que compõem suas identidades. A atividade funciona como um laboratório móvel de memórias familiares, estabelecendo conexões entre passado e presente através da valorização das raízes genealógicas.

A musicalidade africana en-



Baobá



Sonori EcoParque

Divulgação

contra expressão contemporânea no projeto Sonori EcoParque, que chega ao CCBB no dia 26 de julho. Sob a direção de Kiko Menezes, o grupo apresenta um circuito de instrumentos ecológicos construídos com materiais alternativos e sucata. A proposta combina sustentabilidade ambiental com educação musical, oferecendo aos participantes a experiência de criar sons com mais de dez ritmos africanos e afro-brasileiros através de instalações plástico-sonoras interativas.

As brincadeiras tradicionais são ressignificadas na atividade “Teca Teca”, uma versão moçambicana da amarelinha que integra palavras e instrumentos musicais de origem africana. Destinada a crianças de 3 a 7 anos, a proposta revela como os jogos infantis funcionaram historicamente como formas de resistência cultural e transmissão de saberes ancestrais. A atividade acontece aos sábados e feriados, às 13h, no Ateliê Aberto do primeiro andar.

A programação inclui ainda a “Máquina de Tempos”, inspirada nos jogos eletrônicos dos anos 1980, onde os participantes exercitam a memória através de sequências sonoras e visuais em um painel interativo. A atividade, voltada para crianças a partir de 5 anos, funciona como ponte entre diferentes gerações e suas respectivas trilhas sonoras.

Para as famílias, o centro cultural oferece visitas mediadas especialmente desenvolvidas para aproximar o público infantil do conteúdo da exposição “Ancestral: Afro-Américas”. Através de jogos e atividades lúdicas, educadores conduzem crianças e seus responsáveis em descobertas sobre a presença negra na história da arte brasileira, transformando a experiência museológica em momento de aprendizado compartilhado.

SERVIÇO

CCBB Educativo – Lugares de Culturas

Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 – Centro) | Até 31/7 com atividades gratuitas

E-mail: agendamento.rj@programaccbbeducativo.com.br